

## ENEIDA DE MORAES: MILITÂNCIA E MEMÓRIA

Eunice Ferreira dos Santos\*

### RESUMO:

*Abordagem focalizando os ritos de entrada da escritora paraense Eneida de Moraes no cenário jornalístico-literário brasileiro, no período 1920-1970, transitando em espaços considerados proibidos à mulher: a redação de jornais, a publicação de livros e a militância partidária.*

PALAVRAS-CHAVE: *ritos, mulher, militância.*

### I – INTRODUÇÃO

O avanço do debate teórico instaurado pela literatura tem possibilitado um campo promissor em torno da recuperação da trajetória política e intelectual de escritoras brasileiras. Assim, algumas literatas têm se tornado objeto de pesquisas preocupadas em materializar a presença da mulher nas letras nacionais. No quadro geral desses enfoques, há uma tendência a questionar os paradigmas essencialistas em relação à autoria feminina, estatuidando cientificamente um contradiscurso que aponta espaços para inserção desses sujeitos no cânone literário e na história social brasileira.

No caso da escritora e jornalista paraense Eneida de Moraes (1903-1971), configurou-se – através de uma pesquisa realizada entre os anos 2000-2003 – a relevância de visibilizar sua trajetória de militante comunista, de produtora cultural e de mulher que rompeu, ou pelo menos afrontou, os padrões instituídos ao papel feminino de sua época, transitando em redutos considerados masculinos: a

\* Doutora em Letras: Literatura, História e Memória Cultural (Área de concentração: Literatura Comparada), 2004.

redação de jornais, a publicação de livros e a célula partidária – mecanismos que ela utilizou para o exercício de sua militância política em 50 anos de atuação no cenário jornalístico-literário brasileiro (1920-1970).

A abrangência desse período pode ser dividida em três fases: 1920-1930, quando a escritora residia em Belém do Pará, sua terra natal, e ingressa oficialmente no jornalismo; 1930-1945, período em que, seduzida pelas idéias socialistas, filia-se ao Partido Comunista Brasileiro integrando-se ao discurso proletário quando este se fez uma motivação radical, destacando-se no trabalho de agitação e propaganda comunista escrevendo panfletos e jornais de célula, além do envolvimento nas revoluções de 1932 e 1935 que resultou em prisões e exílio; 1945-1970, fase caracterizada pela "escrita consentida" atuando como jornalista profissional em periódicos partidários e da grande imprensa, nas funções de repórter e de cronista, entremeando este período com a publicação de 11 livros e várias traduções.

Convém ressaltar que para os propósitos desse ensaio, o foco de abordagem é o período 1920-1930, incluindo-se uma retrospectiva aos anos de formação escolar e familiar da escritora, enquanto dados balizadores do momento em que Eneida vai se apropriar das frestas necessárias para veicular sua escrita e idéias e, assim, colocar-se na vanguarda de sua época.

## 2 – A TRANSGRESSÃO DOS CÓDIGOS

### 2.1 – Os Ritos de Entrada nas letras nacionais

Em 1910, o anúncio de um concurso de conto infantil, publicado na *Revista Tico-Tico*, chamou a atenção da pequena Eneida, então com sete anos. Sem que a família soubesse, inscreveu seu primeiro conto narrando a história de um lenhador – personagem simbólica do caboclo amazônico. Ganhou o primeiro lugar e um prêmio de vinte mil réis com direito a ter o nome impresso nas páginas da revista. Esta *escritura* pública é o início de uma linha de força demarcadora da inscrição precoce

de Eneida, enquanto sujeito político, em um dos espaços de poder da escrita: o território jornalístico-literário. Com a publicação desse primeiro conto, a escritora marca antecipadamente uma longa trajetória de participação na vida cultural brasileira, incorporada à militância partidária.

Os anos 1913 a 1918, passou-os no colégio interno Sion, no Rio de Janeiro, ambiência de formação intelectual que proporcionou a Eneida um exercício embrionário do estilo epistolar que vai se transformar em produção cronística – forma literária proeminente em sua obra a partir de 1920. Durante o período de internato, escrevia, pelas colegas, cartas amorosas barganhando-as por barras de chocolate. É também nesse período que cartas longas e assíduas foram trocadas entre a escritora e sua mãe, a professora Júlia. Através desses escritos juvenis, descreve o cotidiano do Sion e as próprias dificuldades de adaptação ao ordenamento disciplinar do colégio.

Eneida voltou a Belém em 1918, época de profundas mudanças na sociedade belemense. Mudanças que incluíam, entre outros, o aparecimento de associações literárias, revistas e jornais; o ressurgimento da Academia Paraense de Letras; a fundação da Associação de Imprensa do Pará. É também o ano de circulação de duas importantes revistas locais: *Guajarina* e *A Semana*.

Neste contexto, chegam a Belém os primeiros acordes do movimento modernista, através do relato dos que vinham do Centro-sul do Brasil ou da Europa. Essas notícias, reproduzidas e interpretadas nos círculos intelectuais da cidade, aos poucos assumiram proporções "revolucionárias" e vão culminar na criação da Associação dos Novos, uma academia literária em torno da qual se aglutinaram estudantes, jornalistas e poetas como, entre outros: Peregrino Júnior, Bruno de Menezes, Paulo de Oliveira e Abguar Bastos. Eneida juntou-se a este grupo que também atuava na imprensa local, sobretudo nas revistas *A Semana* e *Belém Nova* – ambas órgãos de divulgação da Associação dos Novos.

Esse seria um ambiente propício aos primeiros ensaios poéticos da escritora se não fosse a intolerância paterna ao constatar que todo o disciplinamento do Sion ficara sem efeito, diante do contradiscurso de Eneida a respeito da normatização do comportamento feminino a que fora submetida durante o período de internato. Resolveu romper com o pátrio poder. E assim, naquele ano de 1920, –

momento em que muitos apelos literários envolviam a juventude belemense – Eneida, mesmo contra as razões paterna, com dezessete anos ingressa oficialmente no jornalismo, desempenhando, simultaneamente, as funções de secretária e de colaboradora da revista *A Semana*. Neste periódico, estréia usando o pseudônimo Miss Fidelidade, publicando a crônica *O Triste* para homenagear Peregrino Júnior, seu amigo e incentivador. Seguidamente escreve poemas em prosa e crônicas em estilo epistolar, a exemplo e respectivamente: *Orvalhos do Coração* e *Cartas Perdidas*. Ainda, nessa revista, estréia como resenhista literária com *A Cidade Majestade*, texto comentando o livro *Jardim da Melancolia*, de Peregrino Júnior.

A partir de 1926, passa a grafar seus escritos apenas com o nome Eneida, excluindo o sobrenome do pai (Costa) e do marido (Moraes). Por essa época, colabora na *Revista Belém Nova*, editada por Bruno de Menezes e Paulo de Oliveira, e no jornal *Para Todos*, dirigido por Álvaro Moreyra. Nestes periódicos, mantém a tônica dos versos em prosa e crônicas epistolares. São dessa fase, por exemplo: os poemas *Meu Flirt com a Vida*, *A Mais Linda Canção da Minha Vida* e *Sonho de um Balão*; e as crônicas *Carta à Mulher Paraense* e *Carta à Maria Luiza*.

Ao fazer parte do grupo de colaboradores da *Belém Nova*, alia-se ao movimento contestatório de cor local e escreve *Canto Novo do Brasil*, uma crônica de louvação aos poetas que aderiram aos temas da estética modernista. E nesse caldeamento doutrinário, Eneida faz eco ao manifesto *Flami-n'-assu* lançado por Abguar Bastos e publicado na *Belém Nova*. O *Flami-n'-assu* conclamava poetas e prosadores a formarem uma corrente de pensamento que contestava alguns itens do movimento Pau-Brasil, de Oswald de Andrade. Entretanto, apesar da discordância, quando esse movimento se transmutou no da Antropofagia, muitos paraenses, incluindo o próprio Abguar e Eneida, colaboraram na *Revista Antropofagia*. Eneida, por exemplo, publicou dois poemas: *Assahy* e *Banho de Cheiro*.

A experiência nas revistas citadas, a convivência nos círculos literários paraenses (e eventualmente no Rio de Janeiro) e a reconhecida *performance* de sua prosa facultaram à escritora o ingresso no jornal *O Estado do Pará*, dirigido por Affonso Justo Chermont e de tendência opositiva ao governo local. Eneida vivenciou o dia a dia desse jornal em cuja redação fermentavam-se reivindicações populares. Nesta fase, escreve – excetuando alguns poemas em versos livres – crônicas do tipo

comentário. Também estréia na função de repórter noticiando eventos culturais, como se observa em *A Fascinadora*, *Cocktail*, *Pássaros Cantores*, entre outros. Da crônica-comentário passa a textos de direcionamento documental e militante, marcados pelo tom contestatório de uma cronista que vai consolidar esse estilo pós-1930 atuando em jornais partidários e da chamada grande imprensa. É de 1928 uma das crônicas dessa fase embrionária e que prenuncia os posicionamentos políticos da escritora. Trata-se de *Conversando*, na qual contesta o discurso liberal burguês e feminista das sufragistas, achando que apenas o instituto do voto era insuficiente para atingir a igualdade entre os gêneros.

Em 1929, a essa altura já entremeando o discurso político político com o literário, demarca dois outros territórios: passa a atuar no radiojornalismo, sendo responsável pela programação de Arte da Rádio Clube do Pará; e publica *Terra Verde*, livro de estréia onde reúne 26 poemas em prosa representativos da "poética de cor local", exaltando o homem nativo e o contexto amazônico. A publicação dessa obra e a atuante participação da escritora na vida cultural da região deram a ela o prêmio Muiraquitã em festa organizada pelos intelectuais paraenses e amazonenses. O *status* de jornalista-escritora e o fato de pertencer à chamada vanguarda literária dos anos 20 vão repercutir na década de 30, quando é recebida como a "escritora que veio do Pará", pelos intelectuais que freqüentavam a casa de Álvaro e Eugênia Moreira.

## 2.2 – A escrita não autorizada

Em 1930, Eneida deixa Belém para fixar residência no Rio de Janeiro, onde vai alicerçar uma convivência intelectual e partidária com um grupo que a iniciou nas leituras sobre a filosofia marxista: "A primeira vez que li o manifesto comunista de Marx e Engels, fui tomada de um entusiasmo tão grande que cada uma de suas palavras repercutia profundamente dentro de mim". (*Banho de Cheiro*, 1962: 72). E, conscientemente, entregou-se ao ideário comunista: "...adquiri uma ideologia, tracei friamente o meu caminho e fui por ele, certa de estar certa..." (*Carta-Testamento* – 1969).

Os dois primeiros anos no Rio de Janeiro, passou-os freqüentando círculos literários, estudando marxismo e se preparando para ingressar no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Nesse momento, para se afinar ao discurso proletário e provar que estava pronta para ser militante, começa a apagar os "resquícios burgueses" que herdara da mãe: "As belas jóias que tive, perdi em casas de penhores na etapa em que encontrei o meu caminho; justamente no momento do qual me orgulho: o da escolha de um futuro". (*Aruanda*, 1957: 75).

Os conflitos políticos da Revolução Constitucionalista incendiaram a imaginação de Eneida. Para a novata militante, aquele momento era o cenário ideal para propaganda e agitação junto às massas trabalhadoras. Nessa intenção, vai morar e trabalhar em São Paulo. E, de acordo com as orientações do partido, recebe o pseudônimo de NAT e fica responsável pela recepção e distribuição de correspondências, além da redação de jornais de célula, panfletos e volantes. Em razão disso, foi presa (1932), conforme registros na Delegacia da Ordem Política e Social (DOPS):

"Eneida da Costa Morais (sic), conhecida agitadora comunista, possuía em sua residência um custoso mimeógrafo, adquirido pelo 'Socorro Vermelho Internacional' e a ela entregue para confecção de boletins de propaganda subversiva-comunista". (Prontuário, n. 23.797).

Considerada presa de alta periculosidade, foi colocada em uma "solitária" sem janelas, sem, ar, sem comida. O único lugar por onde entrava uma réstia de luz era um buraco na fechadura da porta, através do qual os "tiras" a vigiavam: "ficava, então, noite e dia esperando os olhos que me espionavam, dando em cada um deles uma espetadela com o dedo indicador. Quando ouvia o grito, exclamava: acertei o inimigo". (*Banho de Cheiro*, p.78). Após quatro meses, foi solta por engano no meio dos chamados integralistas. Refugia-se, durante três meses, no interior paulista, de onde vai morar no Rio de Janeiro, por ordem do partido.

Os dois anos subseqüentes a essa fase foram entremeados com uma etapa de dificuldades financeiras, o que a fez empregar-se como operária em uma fábrica de minérios e a realizar eventuais trabalhos de traduções. Apesar disso, não deixou de participar dos eventos que antecederam a insurreição de 1935. Nesse sentido, atuou em vários comícios e congressos promovidos por organizações ativistas. E

entre os insurretos, estava participando da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e das ações da União Feminina do Brasil, colaborando em atividades de estafeta e na redação e distribuição de panfletos e jornais: "Minhas mãos não foram jovens nem mesmo no tempo da juventude total. Marchavam na vanguarda; agitavam-se incessantemente; nunca se pouparam" (*Aruanda*, 1957: 75).

Fracassada a revolução, os documentos apreendidos em Aparelhos comunistas e as declarações dos presos, arrancadas sob torturas, ajudaram a polícia a encontrar o paradeiro dos revoltosos. Assim, Eneida foi presa em janeiro de 1936, ficando no Pavilhão dos Primários cerca de um ano e cinco meses: "De dia, no verão as paredes ficavam molhadas pelo calor; no inverno, as paredes ficavam úmidas e um frio de doer os ossos tomava conta de nossos menores gestos". (*Aruanda*, 1957: 80).

Absolvida, em 1937, pelo Tribunal de Segurança Nacional, voltou à prisão outras tantas vezes, e sempre, acusada de estar redigindo material panfletário e organização de listas de doativos para o Socorro Vermelho do PCB. Esses foram os "crimes" que motivaram a maioria das prisões que a escritora sofreu, especialmente às vésperas de datas nacionais, sob a alegação de medida de segurança e para evitar a distribuição de manifestos do PCB.

Após a fase de prisões e a de exílio na França, retoma regularmente as atividades jornalísticas, como colaboradora efetiva ou esporádica, em periódicos partidários e naqueles considerados da grande imprensa, entre eles: *Momento Feminino*, *Novos Rumos*, *Diário Carioca* e *Diário de Notícias*.

O agravamento da longa enfermidade fez Eneida afastar-se das aparições públicas, porém continuou escrevendo para o *Diário de Notícias* até fevereiro de 1971.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

A conquista desse espaço público, que começou no Pará com tons literários e políticos, teve para Eneida um preço: deixar o marido, os filhos e Belém,

para fixar residência no Rio de Janeiro onde vai consolidar seus posicionamentos socialistas e engajar-se na causa comunista, sempre usando a palavra oral ou escrita para defender a ideologia marxista-leninista que abraçou – traços flagrantemente perceptíveis em toda a sua produção intelectual, tanto no jornalismo quanto na literatura.

Eneida rendeu-se à "revolução". E a ela foi coerente. E por ela pagou o tributo da transgressão dos códigos vigentes em relação ao comportamento das mulheres que ousaram ser escritoras e militantes.

**ABSTRACT:**

*It is about the entrance of Pará's writer Eneida de Moraes in brazilian journalistic-literary scene, in 1920-1970 period, going in places regarded forbidden to women: journal redaction, book publications and militance party.*

**KEY WORDS:** *rites, women, militance.*

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

A Semana. Belém, n<sup>os</sup> 149, 362, 370 e 457, fevereiro/1921 a janeiro/1927.

APERJ. *Arquivos das Polícias Políticas: reflexões de nossa história contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1996.

Belém Nova. Belém, n<sup>os</sup> 54, 56, 59, 62, 64 e 74, agosto/1926 a setembro/1927.

Diário de Notícias. Rio de Janeiro. *Coluna Encontro Matinal*, abril/1954 a fevereiro/1971.

Inventário do Fundo DESPS. Delegacia Especial de Segurança Política e Social. 2. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002.

O Estado do Pará. Belém, 26/1/1927 a 22/12/1929.

Prontuário no. 23.797. Eneida de Moraes. Fundo DESPS/RJ. Arquivo Público do Rio de Janeiro.

SANTOS, Eunice Ferreira dos. *Eneida de Moraes: militância e memória* 2004. 300 p. (2 v.). Tese (Doutorado em Literatura Comparada)- Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.